

As feiras da agricultura familiar convencionais e o necessário debate sobre a transição agroecológica

The familiar farming market-fairs and the necessary debate on the agroecological transition

CLAUDINO, Lívio Sergio Dias²; DREBES, Laila Mayara¹; MELLO, Andrea Hentz de³; SILVA, Danielle Wagner Silva⁴.

¹Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), drebes.laila@unifesspa.edu.br;

²PDTSA/Unifesspa, livio@unifesspa.edu.br; ³ PDTSA/Unifesspa, andreahentz@unifesspa.edu.br,

⁴Instituto de Biodiversidade e Florestas (IBEF) - Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), danicawagner@hotmail.com

Eixo temático: Desenvolvimento rural, políticas públicas e comunitárias, movimentos sociais e culturais

Resumo

As feiras da agricultura familiar têm crescido de maneira significativa nas últimas décadas, recolocando a importância dos circuitos curtos de comercialização para o desenvolvimento regional, e trazendo à tona noções como sustentabilidade ou agricultura sustentável. Porém, constatamos que predominam feiras compostas por agricultores que produzem em sistemas agrícolas convencionais não agroecológicos. A partir de revisão bibliográfica, o estudo pretende analisar como essas iniciativas podem favorecer a transição para a agroecologia, discutindo o seu papel para a construção de modos de produção e de circulação de alimentos em nível local, trazendo consigo ainda motivações para a valorização de alimentos de origem conhecida e conectados à preservação ambiental. Evidencia-se, portanto, a importância das políticas públicas e da conscientização dos consumidores para a transição agroecológica.

Palavras-chave: Circuitos curtos; Comercialização; Mercados agroecológicos; Desenvolvimento territorial.

Keywords: Short chains; Commercialization; Agroecological markets; Territorial development.

Introdução

As feiras da agricultura familiar têm crescido consideravelmente nos últimos anos. Tais vias de comercialização são promovidas a partir de iniciativas públicas e privadas, mostrando-se relevantes ao desenvolvimento regional em diversos territórios brasileiros. Além disso, constituem-se em importantes espaços de socialização, permitindo interações sociais diversas, manifestações culturais e processos de resistência sociocultural, especialmente alimentar. A pesquisa exploratória, em termos teóricos e empíricos, pretende compreender como tais iniciativas poderiam fomentar a transição para a agroecologia, já que é crescente a procura de alimentos oriundos da agricultura familiar. A procedência dos alimentos tem sido apontada como um dos principais indicativos do seu valor biológico e segurança sanitária, mesmo naqueles casos em que não sejam considerados agroecológicos. Não seria essa uma excelente oportunidade de estimular o incremento de práticas agrícolas sustentáveis que podem apoiar processos de transição agroecológica? Especificamente, discutimos o papel de tais iniciativas para a construção de modos de pensar a produção e a circulação de

alimentos de forma localizada, trazendo consigo motivações para a valorização de produtos regionais e a preservação ambiental.

Diversos estudos têm apontado que as feiras da agricultura familiar favorecem o desenvolvimento regional, fomentando a formação de circuitos curtos de comercialização de produtos, envolvendo uma série de prestação de serviços, como transporte, restaurantes, turismo, comércio de insumos, além de facilitarem a organização de políticas públicas de compras institucionais de alimentos (a exemplo do Programa Nacional de Alimentação Escolar). Araújo e Ribeiro (2018), indicam que as rendas geradas nas feiras, terminam por fomentar demandas do mercado urbano, possibilitando a construção de relações entre os agricultores-feirantes, os consumidores e outros comerciantes. As feiras são também fundamentais para a segurança alimentar, tanto dos agricultores, quanto da comunidade. O trabalho indica ainda a construção de redes de solidariedade, já que uma parte dos alimentos não comercializados é doado para pessoas ou instituições.

Embora abundantes, os estudos sobre feiras ainda deixam lacunas. Em levantamento bibliográfico realizado por Araújo e Ribeiro (2018b), os autores identificaram que há maior concentração de estudos sobre feiras do Nordeste (45%), seguida do Sudeste (19%), e 13% do Norte, sendo observado que os estudos são mais expressivos a partir dos anos 2000. Há muito a ser feito para compreendermos como tais ações sociais podem favorecer o desenvolvimento territorial, sem ampliar ainda mais as desigualdades inerentes aos modos de reprodução do sistema capitalista e sem intensificar o uso de insumos químicos, apontando caminhos para a transição agroecológica.

A transição agroecológica, aqui abordada, pode ser definida como uma mudança nos circuitos de produção e de consumo, e não apenas no acúmulo de experiências e iniciativas. Se trata de uma contraposição ao modelo de desenvolvimento que teve como mote a chamada Revolução Verde (SAUER; BALESTRO, 2013). Nessa diretriz, o estudo apresenta algumas reflexões sobre as possibilidades que as feiras livres de agricultura familiar, mesmo não atendendo, em sua maioria, aos princípios preconizados pela agroecologia teórica do meio acadêmico, podem favorecer aos processos de transição para formas mais sustentáveis de produção e comercialização de bens e serviços oriundos da agricultura.

Metodologia

A pesquisa baseia-se na revisão bibliográfica sobre os temas das feiras de agricultura familiar, transição agroecológica e algumas possibilidades ao desenvolvimento territorial, adotando uma abordagem metodológica descritiva. Conforme Marconi e Lakatos (2003), tal metodologia servirá, inicialmente, para se conhecer o estado atual do problema, os principais trabalhos em andamento ou já realizados, apoiando também a construção de um modelo teórico inicial de referência, da escolha das variáveis, entre outros encaminhamentos.

Resultados e Discussão

Na literatura contemporânea sobre feiras e agroecologia, a maior parte dos trabalhos são realizados em feiras agroecológicas, ou feiras ecológicas, priorizando justamente aqueles grupos e atores sociais que já produzem a partir dos princípios agroecológicos ou que estão em transição. Há uma farta bibliografia mostrando o perfil dos consumidores, dos produtores e dos produtos nas feiras agroecológicas. Alguns estudos, por outro lado, comparam preços, mostrando que o discurso do agroecológico/orgânico ser mais caro, já não se sustenta (SÁ et al., 2018).

Os processos de transição agroecológica são multidimensionais, como destaca Costabeber e Mayano-Estrada (2004), havendo uma primazia para a ação social coletiva, que deve estar relacionada com as dimensões econômicas e ambientais. Moreira (2004) identificou três níveis territoriais, que são as propriedades rurais, a localidade e a região, sendo que em cada um desses níveis, diferentes ações devem ser adotadas, indicando também que a falta de articulação entre os diferentes atores sociais, nos distintos níveis é fator limitante. Moreira (2004) indica que a transição agroecológica ainda é bastante dependente das políticas públicas de apoio produtivo à agricultura familiar e à reforma agrária.

Claudino et al. (2012) indicam fatores externos que influenciam para a transição agroecológica, como a consciência pública, os mercados e as infraestruturas, as mudanças no ensino, pesquisa e extensão rural, a legislação e a reforma agrária. Segundo os autores, além das mudanças em nível dos sistemas de produção, as ações externas definirão as possibilidades de transição para a agroecologia. Andrade e Andrade (2018) destacam a importância da criação de espaços para discutir sobre agrotóxicos e agroecologia, a fim de criar consciência ecológica na comunidade. Santiago e Lima (2015) enfatizam que a extensão rural é de suma importância para a transição agroecológica, e que os espaços de comercialização são oportunidades de divulgar idéias agroecológicas.

A partir da revisão de literatura observa-se certa centralidade das ações oriundas de políticas públicas, que podem ser direcionadas para favorecer não apenas a produção e comercialização de produtos de base agroecológica, mas também uma mudança na consciência social. Nas feiras da agricultura familiar convencional, predomina a agricultura com insumos químicos e práticas que se distanciam dos princípios agroecológicos, apesar disso mudanças podem ocorrer a partir do estímulo de políticas públicas, pressão dos consumidores, entre outras atitudes e posturas que estimulem os agricultores na direção da transição para práticas agroecológicas em seus sistemas agrícolas.

Tal mudança para a transição ou mesmo a redução do uso de insumos pode ser muito lenta ou nem mesmo acontecer sem um estímulo externo, especialmente por parte dos agentes da assistência técnica e extensão rural (Ater), políticas de apoio pecuniário e pressão por parte dos consumidores. Em geral, apontamos que é fundamental trabalhar junto aos produtores convencionais, que atuam nas feiras de

agricultura familiar, de modo a estimular práticas agroecológicas, apontando a importância social, ambiental, econômica e a segurança sanitária.

Concomitantemente, é necessário disseminar conhecimento sobre agroecologia para a sociedade como um todo, com vistas a conscientização dos consumidores sobre os benefícios ambientais e sanitários dos alimentos oriundos de sistemas produtivos agroecológicos. Muitos consumidores das feiras de agricultura familiar não dispõem de conhecimentos e vivências para diferenciar uma “feira convencional” de uma “feira agroecológica”. A carência de senso crítico por parte dos consumidores constitui-se em um dos maiores entraves para a transição em direção aos sistemas produtivos mais sustentáveis.

Uma maior exigência por parte dos consumidores para a aquisição de alimentos saudáveis, pode ser a mola propulsora de transformações no sistema agroalimentar, desde que os agricultores e feirantes até o consumidor. Por outro lado, condições objetivas como a Ater, educação e crédito são fundamentais para os processos de transição agroecológica na agricultura familiar paraense, transformando as feiras em espaços de comercialização de alimentos de base ecológica.

Conclusões

As feiras da agricultura familiar no Brasil abrigam agricultores que praticam distintos tipos de sistemas agrícolas e relações com o entorno socioeconômico, incluindo aqueles que tem como referência a agricultura de base ecológica até aqueles que baseado no sistema convencional, com a incorporação de insumos externos em distintos níveis. Essa realidade, por sua vez, destaca a importância do direcionamento de esforços para a operacionalização de mudanças estruturais, incluindo o fortalecimento de políticas públicas que possam apoiar os agricultores na transição de suas práticas, bem como promover a conscientização por parte dos consumidores. Finalmente, a crise pandêmica do Covid-19 posiciona a discussão sobre agroecologia como imperativo do desenvolvimento sustentável.

Referências

ARAUJO, A. M., RIBEIRO, E. M. Feiras e desenvolvimento: impactos de feiras livres do comércio urbano no Jequitinhonha. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, 7(2), 300-327, 2018.

ARAUJO, A. M.; RIBEIRO, E. M. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26(3), p. 561-583, 2018b.

CLAUDINO, S., LEMOS, W. D. P., FERREIRA-DARNET, L. A. Fatores capazes de interferir na transição agroecológica externa e mudança social. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, 5(1), 2012.

COSTABEBER, J. A., MOYANO, E. Transição agroecológica e ação social coletiva. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, 1(4), 50-60, 2000.

MARCONI, M. de A, LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MOREIRA, R. M. **Transição agroecológica: conceitos, bases sociais e a localidade de Botucatu**. 153p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Agrícola, Campinas, SP. 2004.

SÁ, G., FANTUZZI, D., VERAS, A. L., PINTO, J. C., MOTTA, V. D. Análise comparativa de preço de alimentos convencionais e agroecológicos em Recife e Olinda/PE. **Cadernos de Agroecologia**, 13(1), 2018.

SANTIAGO, V., LIMA, I de S. **Extensão Rural e Desenvolvimento Local: As feiras como espaço de comercialização e divulgação das ideias agroecológicas em Recife–Pernambuco**. Intercom (38), Rio de Janeiro. 2015.

SAUER, S., BALESTRO, M. V. (Eds.). **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica**. Editora Expressão Popular. 2013.

SOUZA-LIMA, R, FONTANA, A. P. C. As feiras da agricultura familiar como território de práticas alimentares e sociabilidades. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, vol. 24, no. 3, 75-100, 2019.